



C A P Í T U L O 1

APRESENTAÇÃO

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

Nathalia Araujo Duarte de Gouvêa

Víctor Soares Rosa

Este livro é o resultado do trabalho desenvolvido ao longo do ano de 2024 no projeto de extensão Páginas de Mulheres na Imprensa (PROMIM), vinculado ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Em seu início, o projeto contava com oito pesquisadores das áreas da Educação, História e Literatura vinculados a instituições diversas, quais sejam Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Colégio Pedro II e Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ). A parceria entre os pesquisadores e as bolsistas voluntárias contribuiu, de forma ativa, para a formação continuada de estudantes da graduação e da pós-graduação, professores, pesquisadores e demais pessoas interessadas em suas premissas principais.

A proposição de um projeto de extensão como o PROMIM no âmbito da atividade acadêmica-universitária nasce a partir do encontro de seus participantes em função dessa temática comum: a história das mulheres. Trata-se de um movimento de resgate de mulheres, sua obra e intelectualidade, trazendo ao público conhecimento, em linguagem acessível, acerca dos lugares ocupados pelo grupo, que foi relegado à invisibilidade durante décadas.

O PROMIM, a partir disso, tem por finalidade coletar e analisar os indícios de escrita feminina na imprensa periódica do Brasil Republicano – em especial a escrita literária –, bem como verificar os impactos na educação de meninas e mulheres, apresentando os resultados de suas pesquisas através de suas redes sociais, de onde observa-se um maior alcance de público.

A tomada dos jornais e revistas como fonte documental para pensar a Educação no Brasil tem permitido observar perspectivas diferentes daquelas implementadas por leis de educação. Desde o final da década de 1980, a imprensa vem adquirindo notoriedade no campo da educação (Martins; De Luca, 2018). Como um bem simbólico da sociedade e aspecto cultural de uma determinada comunidade, em determinado recorte temporal (Chartier, 2002), os indícios encontrados em jornais e revistas hoje podem revelar costumes, tendências e movimentos do espaço-tempo de outrora.

Neste sentido, a literatura encontrada em periódicos é também reflexo das representações de uma comunidade, especialmente aquelas escritas por grupos marginalizados – mulheres, operários (Perrot, 1988), negros, vozes por muitas vezes silenciadas. Considerando o panorama histórico da Educação no Brasil, é possível observar discrepâncias entre a educação oferecida para meninos e meninas, principalmente na primeira metade do século passado. Os documentos revelam que às mulheres fora delegado outros modos de educabilidade, a exemplo da literatura produzida por outras mulheres, principalmente aquela divulgada na imprensa. Assim, torna-se imperativo a observação desses espaços ocupados por escritoras e seus posicionamentos frente às demandas de uma educação mais igualitária e representativa de sua comunidade, investigando acerca dos propósitos desta educação. Cabe ressaltar que a literatura produzida por mulheres, em especial na primeira metade do século XX, ainda que popular em certa medida, fora conduzida aos cômodos da invisibilidade, já que suas autoras não foram reconhecidas como parte integrante do cânone literário (Pinto, 2022).

Conhecer esses espaços ocupados por mulheres e investigar acerca dos impactos que sua(s) escrita(s) puderam alcançar nos permite não apenas refletir acerca do que hoje entende-se por Literatura, mas também compreender os mecanismos diversos de manutenção de poder por meio do acesso à educação formal. Neste sentido, o projeto buscou, ao longo do ano de 2024, promover ações que popularizassem o conhecimento quanto à relação entre Mulheres, Literatura, Educação e Imprensa.

Dentre as ações do projeto, recebem destaque os minicursos, ministrados por membros da equipe, os quais buscaram oferecer formação acerca da pesquisa acadêmica, desde seus primórdios - por meio das ferramentas de busca -, até a elaboração da narrativa em si. O primeiro deles, intitulado “O uso adequado das ferramentas de pesquisa na Internet e suas implicações para a pesquisa histórica” teve por finalidade oferecer subsídios para a pesquisa on-line, seja por meio das ferramentas de busca, ou pelo acesso aos diversos acervos existentes na web. Ministrado por Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza, do CAP-

UFRJ, e Victor Soares Rosa, da UNIRIO, e egressos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, conferiu aos cursistas a possibilidade de reconhecer e investir em ferramentas seguras para a confecção de pesquisa de valor histórico e científico.

Na sequência, ofertou-se o curso “Organização de dados e a constituição de um repertório de pesquisa” com o objetivo apresentar modos de construção de um repertório de pesquisa para a elaboração da narrativa histórica. Ministrado por Michele Ribeiro de Carvalho Cassano, da UERJ e da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), e Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco, egressa do PropEd/ UERJ e docente do CAP-UERJ, permitiu aos participantes a ampliação de seus conhecimentos acerca da coleta, da criação de séries e da implementação de categorias de análise para a pesquisa.

O último minicurso, intitulado “Do tratamento à interpretação dos dados: a organização e a escrita da pesquisa”, visou apresentar variados métodos para interpretação de dados coletados, bem como a organização da escrita acadêmica e suas convenções. Ministrado por Priscilla da Silva Figueiredo, (PPGLETRAS - UERJ/ CAP-UERJ), Paula do Amaral de Souza Cruz, (PPGLETRAS - UERJ/ Colégio Pedro II) e Nathalia Araujo Duarte de Gouvêa, (PPGLETRAS - UERJ/ CAP-UERJ) cumpriu com o propósito de apresentar aos participantes uma melhor organização da estrutura de suas narrativas acadêmicas.

Sublinha-se também a “I Série de Conferências de Mulheres na Imprensa: pesquisas, práticas e novas agendas de estudos na Literatura, na Educação e na História”, realizado de forma remota. Nesta primeira edição do evento, focalizou-se em pesquisas que dialogassem com os eixos impressa, impressos, feminismos; educação e formas de educabilidade; e literaturas do feminino. Para tal, mulheres pesquisadoras de reconhecimento nas áreas foram convidadas a apresentar conferências acerca de suas pesquisas desenvolvidas – Anna Faedrich (UFF), Liana Santos (Colégio Pedro II), Maria Carolina Magnus (UFSC), Luara Santos (SME-RJ), Fernanda Vieira (UFMG) e Alice Pereira (IFF- Macaé). As conferências de abertura e encerramento ficaram à cargo de Aline de Lemos (SME-RJ) e Bárbara Araújo (CAP-UERJ).

Respeitada a natureza deste projeto, a comunidade foi contemplada não apenas com os minicursos e conferências, mas ainda com a constante divulgação de conhecimento acerca das temáticas principais – Mulheres, Educação, Literatura e Imprensa - nas redes sociais. O trabalho coletivo, desenvolvido pela equipe, permitiu a criação e ampla divulgação de séries – *Mães pesquisadoras*, *Indicações de leitura* e *Para saber um pouco mais*. A respeito desta última é que este livro se origina. A série contou com 14 publicações sobre conceitos e/ou pessoas que de alguma forma se conectam com as finalidades do projeto.

Como um dos resultados de diversas pesquisas desenvolvidas ao longo de 10 anos pelos autores aqui encontrados, este livro amplia o conteúdo iniciado nas redes sociais sob o formato de verbete, com vistas não apenas a divulgação no meio acadêmico, mas ainda com a finalidade de apresentar referenciais bibliográficos potentes para a inserção dos mesmos em pesquisa de valor acadêmico.

Para além de 7 integrantes do projeto – Aline Lemos, Bianca Macedo, Gabrielle Pacheco, Giovana Cerqueira, Mariana Elena, Michele Cassano e Nathália Gouvêa, este livro conta com a gentil colaboração de Aline Tasmerão (SME-RJ), Liana Santos (Colégio Pedro II), Daniel Vilaça (Colégio Pedro II) e Gabriella Moura (UNEMAT), no desenvolvimento de textos que dialogam com este projeto.

O livro está dividido em quatro partes: I) Mulheres, intelectuais e imprensa; II) Práticas de escrita, educação e leitura femininas; III) Literatura e feminismos; e IV) Ensaio. Na primeira delas, buscou-se conjugar textos que versassem sobre mulheres e suas trajetórias intelectuais, conceitos que correspondem à categoria intelectual (Sirinelli, 1996; Xavier, 2016) e ainda gêneros encontrados na imprensa periódica.

Em *Obituários*, Michele Cassano nos apresenta o gênero, como uma “tradição cultural, cumprindo o papel que a sociedade assumiu de reconhecer os seus mortos”, oferecendo subsídios para se pensar a morte a partir de significados culturais e históricos, que podem ser compreendidos como “expressão de um modelo cultural de atitudes, valores e ideais”. Na sequência, em *Rachel de Queiroz*, Mariana Elena descreve a trajetória biográfica e intelectual da imortal, inscrita na história das mulheres como a primeira a ingressar na Academia Brasileira de Letras, e categorizada pela autora como uma “intelectual polígrafa”, a partir da diversidade e multiplicidade de sua produção. Como bem define a autora, “[d]e tradutora à romancista, Rachel de Queiroz deixou seu nome por onde passou, sendo hoje referenciada por sua múltipla atuação”.

Outra figura feminina de destaque é a educadora londrina Henriette Amado, tema do verbete produzido por Daniel Vilaça, *D. Henriette e a Summerhill da Guanabara*, no é exposta sua trajetória como educadora durante os chamados “anos de chumbo” da ditadura militar, quando “[t]odas as acusações feitas à Henriette assinalavam o descompasso entre o seu projeto e a ordem educativa que o regime vinha construindo, no sentido de garantir o desenvolvimento e a segurança nacionais” e a professora foi considerada uma ameaça política, fato este noticiado na imprensa. A imprensa é também abordada por Liana Santos, em *Revistas Femininas*, traçando um panorama da produção destes periódicos, e apresentando algumas destas publicações entre os séculos XIX e XX. Conforme afirma a autora, ao longo do século XX “a revista alcançou o *status* de veículo

por excelência da imprensa feminina, fato motivado pelo aperfeiçoamento da tecnologia gráfica e a consequente possibilidade de imprimir produtos cada vez mais sofisticados”, a partir do qual o leitor pode verificar diversas capas e representações femininas.

Já na segunda parte, os textos apresentam conceitos que se referem a algumas práticas de escrita femininas, e temas que descrevem a relação entre mulheres e educação, considerando as concepções de educação feminina e suas nuances; e ainda a posição das mulheres como mediadoras culturais nos contextos diversos de atuação (Gomes; Hansen, 2016). Abre esta seção o verbete *Capital Cultural* escrito por Victor Soares em coautoria com Gabrielle Pacheco. Neste texto, são iluminadas as contribuições sobre capital e bem simbólico desenvolvidos por Pierre Bourdieu, com especial foco no conceito de violência simbólica, percebido como intrínseco às mulheres. Ao que pontuam os autores, “[o] acesso aos bens culturais, limitado, escasso e vigiado, contribuiu em ampla medida para que mulheres levassem um tempo considerável até que fossem consideradas sujeitos históricos”. Em *Escrita epistolar*, Mariana Elena estabelece as diferenças entre correspondências, postais e cartas, enfatizando a última como “uma prática majoritariamente feminina, principalmente pela possibilidade de fazê-la de maneira particular, reclusa e no ambiente doméstico” e que se pode insinuar como “um dispositivo que oferece pistas de cunho cultural, político, ideológico e subjetivo”, especialmente ao se tratar de sujeitos marginalizados, a exemplo das mulheres, que poderiam vislumbrar a escrita epistolar como modos de leitura, de escrita de si, e, em longo prazo, de educação.

A educação de mulheres é tema central do verbete de Gabriela Bergamin, *Escola doméstica Dona Júlia em Cuiabá, Mato Grosso (1946-1947)*, por meio do qual é apresentado ao leitor a instituição bem como aspectos que conformaram a educação em Cuiabá à época. Através de extensa pesquisa em arquivos diversos, a autora investiga a escola doméstica e atesta que as finalidades partem da “indicação do lugar destinado às mulheres, evidenciado a manutenção das normas sociais em vigor na época, isto é, uma sociedade patriarcal e conservadora, à qual convinha que a mulher continuasse nos espaços do lar”, cumprindo com um ideal feminino esperado na época. E esse ideal é também tratado no texto *Helenice, um heterônimo de Vinicius de Moraes*, escrito por Aline Tasmerão, em referência a um heterônimo criado pelo poeta, escritor e jornalista Vinicius de Moraes para uma coluna semanal de um jornal carioca. Com a finalidade de percorrer os elementos que conferem e “legitima[m] o argumento de autoridade da personagem e a faz[em] uma jornalista apta a aconselhar as leitoras e aos leitores da coluna” a autora interroga a fonte para compreender de que forma a personagem se colocou como conselheira sentimental, exprimindo uma relação de certa intimidade com seus leitores.

Já a parte III deste livro propõe textos que trazem luz à literatura de autoria feminina, os gêneros textuais dedicados a elas e a própria atuação de mulheres na produção literária artístico-cultural. Em *Folhetins*, Gabrielle Pacheco estabelece um panorama deste gênero, que visava, em ampla medida, o público feminino e que tem suas bases na França do século XIX. Ao longo do texto, evidencia como os folhetins se consolidaram nas páginas de diversos periódicos populares ao longo do século passado como estórias que “obedeciam à fórmula base para a produção do romance: enredos em torno de um trio de personagens típicos - a vítima, o vilão e o herói ou vingador”, que eventualmente deram origem às novelas, gênero ainda expressivamente popular entre as mulheres. Das leituras praticadas pelas mulheres o leitor caminha ao espaço público por elas ocupado, através do verbete Saraus literários, escrito por Bianca Macedo e Giovana Cerqueira. Neste texto, é possível acompanhar a chegada destes movimentos culturais que, seguindo os moldes dos salões franceses, “se expandi[ram] para São Paulo e, na metade do período oitocentista, eles já faziam parte das diversas capitais brasileiras”. Os saraus estabeleceram-se como um ‘espaço semipúblico’ que oportunizou o convívio intelectual entre as mulheres”, a exemplo da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida, em destaque no texto.

Encerram os verbetes a contribuição de Nathalia Gouvêa, sob o título de *Interseccionalidade*, que se insere no cerne atual do debate dos feminismos no Brasil. De acordo com o estudo da autora, é a partir da segunda metade do século passado que se observa forte influência da academia e do método científico como um “processo de segregação e disputa discursiva por meio do processo de compartimentação do saber”. Desta maneira, advoga que as disputas pelo discurso foram interpeladas por categorias de raça, gênero e classe, as quais encontraram tenacidade no pensamento feminista negro e hoje são seminais em estudos mais adensados sobre mulheres e feminismos.

Como proposta de ensaio, apresentamos o texto *Mulheres, Educação e Literatura Infantil no Brasil dos anos de 1930*, escrito por Aline de Lemos. O texto apresenta a contribuição de três educadoras para a conformação da Literatura Infantil como disciplina e como gênero dedicado às infâncias, em um momento em que havia “debates acerca do livro infantil e a tentativa de incentivar a impressão de livros que seguissem um modelo diferenciado [os quais] tinham como referência experiências vivenciadas em outros países”. A partir das contribuições de Cecília Meireles, Armanda Álvaro Alberto, Elvira Nizynska e Juracy Silveira, a autora estabelece espaços comuns ocupados pelas mulheres durante os anos de 1930, que, grosso modo, compreendiam a sala de aula, as comissões e as associações, assumindo, inclusive, *status* de mediadoras culturais.

Por fim, agradecemos ao Departamento de Pesquisa e Extensão (DEPEXT – UERJ) e ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), pela aprovação e vinculação deste projeto aos diversos projetos de extensão oriundos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Agradecemos também a todos os autores aqui presentes e à equipe PROMIM, sem a qual este material não poderia ser viabilizado.

Aos leitores, esperamos que os 13 textos aqui apresentados contribuam para o alargamento de suas pesquisas, caso sejam pesquisadores; para aqueles que não o são, esperamos igualmente que este livro possa inspirá-los a desenvolver pesquisas que tenham Mulheres, Educação, Literatura e Imprensa como objeto.

Boa leitura!

Os organizadores.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo - 2ª ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org). **Intelectuais mediadores: Práticas Culturais e políticas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2016.

MARTINS, Ana Luzia; De LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 7º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017 [1988].

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. A escrita feminina e as estratégias para legitimação: as relações entre as três Júlias. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2022, São Paulo. **Anais do XI Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2022. v. 1.

SIRINELLI, Jean –François. **Os intelectuais**. In¹: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed UFRJ/ Ed FGV, 1996.

XAVIER, Libânea Nacif. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. In GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.



PARTE I

MULHERES, INTELECTUAIS E IMPRENSA